



Director literario:

Atanapolides
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico: *

Eduardo Malta
PAPUSSE



Os Anjos do Céu

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de EDUARDO MALTA

*Cada anjinho do céu é um bebê
Que, à hora do recreio no P'raizô,
A Virgem-Mãe, Jesus e São José,
Enche com seu alegre e claro riso.*

*O menino Jesus que também é
Um travesso bebê com pouco siso,
Lá, só pensa em brincar—pula-lhe o pé!—
Com os anjos — (meninos sem juízo.)*

*Jogam à cabra-cega, dão corridas,
Saltam o elxo-ribaldeixo... hi-já!...
Fartam-se de brincar às escondidas!*

*Quando no mundo algum bebê morreu,
A sua alminha vai direita lá,
É um anjo mais para brincar no céu!*

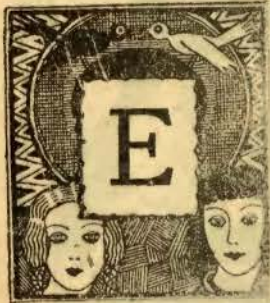




O ACHADO DO LENHADOR

POR

MARIA LUIZA FONSECA
Desenhos de EDUARDO MALTA



ERA uma vez um pobre lenhador que a muito custo se podia sustentar e a sua mulher. Contudo, mesmo pobre como era, tinha um grande desgosto de não ter uma filhinha. Um dia foi o lenhador ver se arranjava alguma lenha na floresta, para vender.

Andou muito, até que anoiteceu.

O lenhador queria voltar para casa mas não sabia o caminho.

Resolveu esperar que amanhecesse, e, deitando-se, fatigado de tanto caminhar, adormeceu profundamente.

Alta noite, acordou sobressaltado. Parecia-lhe ter ouvido gritos.

Escutou, mas nada mais ouviu. Deitou-se de novo embrulhado na sua velha manta, todavia, por mais que fizesse, não pôde conciliar o sono. Só passado muito tempo conseguiu adormecer.

Quando acordou já os scintilantes raios de sol entravam pela floresta. Pôs-se a caminho, quando sentiu um choro de criança. O bom do homem, apesar de ir com bastante pressa, não deixou de indagar o que era. Quando chegou ao local donde partia a voz, viu uma linda menina dos seus três anos, que, na sua língua de trapos, contou que tinha sido ali abandonada por um homem de penas na cabeça. Condoído, o bom do lenhador, levou a pequenita para casa.

A mulher ficou louca de alegria quando viu a criança. Esta ia embrulhada numa capa toda esfarrapada e tinha muito frio. A boa mulher tratou da pequena, agasalhou-a, e deu-lhe umas papinhas que a garota comeu com vontade.

Pouco depois adormeceu.

O lenhador sentou-se à mesa e comeu, satisfeito, a sua ceia pobre mas apetitosa. «Onde encontraste esta linda criança?» O lenhador contou, então, o que se tinha passado. No dia seguinte a petiza parecia estar muito satisfeita. Era muito meiguinha.

Passou-se bastante tempo sem que soubessem quem eram os verdadeiros pais da criança.

Um dia a Manuela, assim se chamava a menina, pediu à sua mãe adoptiva para irem dar um passelo pela floresta, ao que ela acedeu de boa vontade.

Arranjaram um farnel, e puzeram-se a caminho.

Quando lá chegaram, descansaram um bocadinho. Depois abriram o cesto onde levavam o farnel, e merendaram.

De súbito, ouviram um quebrar de ramos. Puzeram-se à

escuta, quando de repente vêm aparecer por detrás duma árvore um homem alto, com barba branca, que se lhes dirigiu. Cheias de terror, quizeram fugir, mas o homem aproximou-se e disse:

—«Manuela, tu és minha filha. Quando eras pequena, abandonei-te; vou contar-te tudo, para que me perdões!»

Outrora, eu vivia numa tribo indiana; como era muito pobre, vi que não te podia ter ao pé de mim, pois os índios tratavam-me mal. Sabendo que morava perto um lenhador, homem muito bom, decidi abandonar-te. Mandei, então, um pele vermelha pôr-te aqui, esperando que o lenhador, dotado de bom coração, te recolhesse, o que sucedeu».

A jovem, cheia de alegria por conhecer seu verdadeiro pai, dependurou-se-lhe ao pescoço, chorando. O velho, continuou:

—«Tua mãe morreu, fiquei contigo, e fui então para a tribo indiana.»

O pobre velhote dizia isto, chorando.

—«O meu querido paisinho, disse a rapariga, ainda está com os índios?»

—«Não. Puzeram-me fóra, e não tenho onde ficar.»

A mulher do lenhador, que até aqui tinha estado calada, disse:



—«Visto não ter onde ficar, ficará em minha casa, com sua filha. Meu marido, certamente, terá muito gosto em conhecer o pai de Manuela, de quem tanto gostamos como



se fosse nossa filha. Somos muito pobres, mas podemos dar-lhe ainda de comer.

O homem agradeceu muito à boa mulher, o que tinha feito pela filha, e puzeram-se a caminho para casa. Não se pode descrever a alegria de Manuela!

Quando chegaram a casa, contaram ao lenhador o que se tinha passado. Este, ficou contente de conhecer o pai de Manuela, e de lhe poder prestar auxílio. Ficaram todos vivendo juntos. Viviam agora felizes. Passado tempo, a Manuela casou, e levou para casa seu velho pai e os seus protectores, que tão bons tinham sido para ela.

Manuela, que era agora muito rica, nunca se esquecia dos pobres, e rezava todas as noites pelos lenhadores que, sendo tão pobres, a tinham protegido e recolhido seu pai.



F I M

CORRESPONDENCIA

Alberto Osório — O teu conto: — O Pescador e seu filho, naufragou. Contudo revela qualidades de imaginação. Lança outra lancha aó mar que pode ser que chegue a Porto Salvo.

Maria Esméria Ferreira. Não chegou ao nosso poder o conto a que se refere. Mande-o novamente ou qualquer outro que, se estiver em termos, será publicado. Não respondemos particularmente por falta de tempo. A estampilha que enviou reverterá a favor dos pobres se não mandar o contrário.

Fernando Marques da Silva. O teu conto fez-me arri-

piar os cabelos. Escreve outro que não seja horripilante e será publicado.

O desenho das charadas será publicado mas faltam as soluções.

António F. Côhen Sarmento — Agradecido pelos elogios ao nosso jornalzinho. A anedota sairá brevemente.

Sarah Gonçalves — Recebemos o teu conto e as adivinhas. Manda dizer a tua idade e envia as soluções.

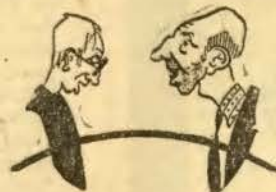
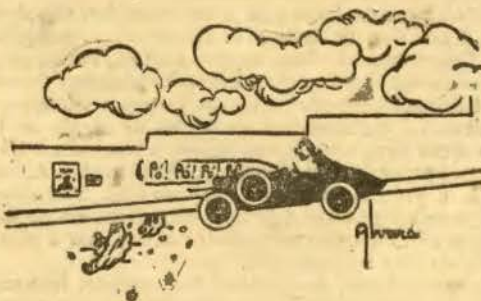
Romeu Heltor Mendes Ferrão — Algumas das tuas anedotas serão publicadas depois de corrigidas pois a composição, como dizes, vem muito precipitada.

Abílio José Teixeira — Recebemos os versos e as adivinhas. Falta-nos, porém, saber a tua idade.

Oswaldo Alving — Os versos que mandou revelar qualidades apreciáveis. Contudo são pouco acessíveis à compreensão infantil. Se conseguir enviar outros de forma mais translúcida, mais simples, serão publicados.

Vosso amiguinho — *Tio Paulo*.

ANEDOTAS ILUSTRADAS



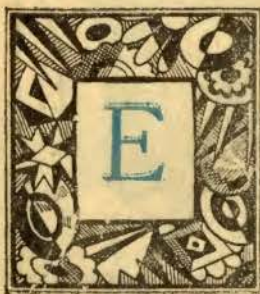
O chauffeur: — O diabo das covas que não se desviam!

— Papá, o que é implantação?
— Implantação? Isso não pode ser paz, plantaço é que é!

— Mamã, o que são obras primas?
— Obras primas, são aquelas cujos autores são irmãos...

A NOVENA DO PRETINHO TOMÉ

POR MARIA ROSA RESEDÁ
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ERA muito triste a vida do pretinho Tomé. Órfão de pai e mãe, tinha sido trazido de África por um casal, que tencionava, mais tarde, fazer d'ele criado da casa. Trataram-no bem; mas um dia, a morte, visitou-os com pouco intervalo, deixando o pretinho ao desamparo. Tinha êle, então, oito anos. Tão pequenino ainda, sem conhecer nada do mundo, sem ter ninguem, Tomé, sentia-se desanimar.

De dia percorria as ruas da cidade, mendigando aqui e ali um pouco de pão para matar a fome, e, à noite, dormia na rua, ao frio e à chuva. Os garotos batiam-lhe, troçavam-no, chamavam-lhe «escarumba», e, quando passavam por êle, fingiam que espirravam:—«atchim preto!» Mas o pretinho pouco se importava com isso; o que êle queria era arranjar um modo de vida, deixar de ser um mendigo. Outra tristeza veio aumentar-lhe o desânimo.

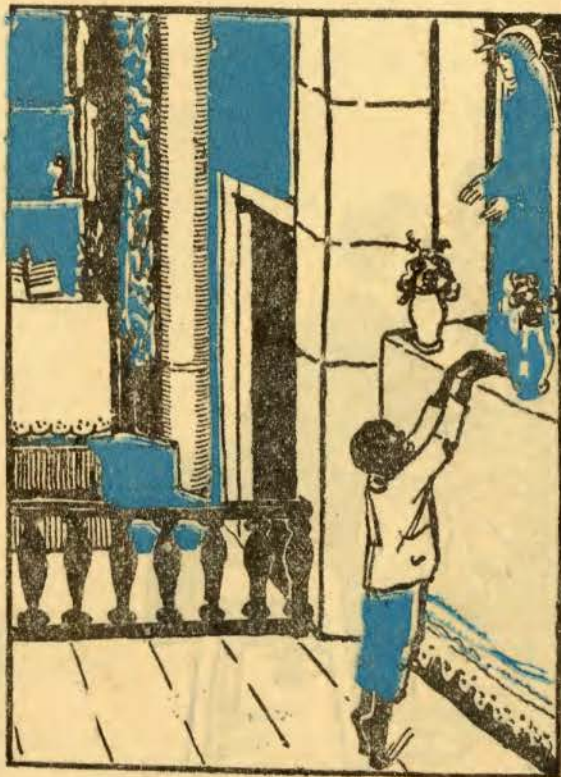
Em casa dos patrões tinham uma grande devoção a Nossa Senhora. O pretinho ouvira dizer que a Mãe do Céu (êle chamava-lhe assim) gostava muito de todos, mas, sobretudo, das crianças que não tinham mãe. Ficara muito contente porque, assim, a Mãe do Céu devia gostar muito d'ele, não estava tão desamparado. Ora um dia, já depois da morte dos patrões, disseram-lhe que Nossa Senhora não gostava



dos pretos, que os desprezava. Ao princípio Tomé não acreditou, mas tanta coisa lhe inventaram que ficou convencido. Já que a Mãe do Céu não gostava d'ele, por ser preto, a sua idéa fixa era tornar-se branco. E desde êsse momento o seu pequenino cérebro matutava, matutava, sem achar a solução para o caso. Era a sua maior tristeza. Confiou o seu desgosto a uns garotos, que pareciam mais humanos para êle, e os rapazes resolveram logo pregar-lhe uma partida. Disseram-lhe que sabiam de uma coisa que branqueava a pele mais negra, e o pretinho, como era de muito boa fé, acreditou. Dirigiu-se, seguido da garotada, para um sítio onde estava uma grande tina cheia de cal.

Os pedreiros, entretidos com o seu trabalho, não deram por êles. Tomé deu um salto e... catrapuz!... mergulhou na tina. Enquanto os maus rapazes fugiam, rindo, os pedreiros retiravam o pobre pretinho com algumas queimaduras produzidas pela cal. Raul, um pequeno vendedor de jornais, teve dó do negrinho, e, depois de curado na farmácia, levou-o para casa. Tomé contou a sua vida à tia de Raul, uma boa mulher muito amiga do sobrinho. A partir d'esse dia, o pretinho ficou a viver com êles. Agora já ganhava alguma coisa; vendia jornais como o seu amigo Raul. Mas, apesar d'isto, continuava a andar triste, com a idéa de que a Mãe do Céu o desprezava.

Lembrou-se, então, de lhe fazer umã novena. Não sabia bem como era. Só se recordava que, em casa dos patrões, rezavam durante nove dias. O pior, é que êle não sabia rezar; aprendera, apenas, a benzer-se. Talvez que, escrevendo num bocado de papel o que queria, e indo pô-lo no altar de Nossa Senhora, Ela atendesse o seu pedido. Depois, du-



rante nove dias, repetiria o que tinha escrito, e assim estava feita a novena. Pediu ao Raul que lhe escrevesse num bocadinho de papel, o seguinte:

— «Mãe do Céu, tornai branco o pretinho Tomé».

Dobrou-o muito bem e, uma tarde, encaminhou-se para a igreja. Uma multidão enchia-a por completo. Celebrava-se o mês de Maria. O pretinho, furando, conseguiu chegar perto do altar de Nossa Senhora. Como ela estava bonita, cheia de flores e iluminada por tantas velas! Umás vozes cantavam o Bemdito, acompanhadas a órgão, e o cheiro do incenso espalhava-se por toda a igreja, num suave perfume.

Tomé, de joelhos e mãos postas, muito comovido, sentia um bem estar como êle nunca tinha experimentado. A Bênção acabou, a multidão começou a sair. Em breve, só ficaram na igreja o pretinho escondido atrás dum confissionário e o sacristão que apagava as velas. A última luz extinguiu-se e Tomé ficou só. Sem fazer barulho, dirigiu-se para o altar. Como não chegava, pôs-se nos bicos dos pés e escondeu o papélinho no manto da Virgem-Mãe. Depois, tornou a ajoelhar-se, e disse com muita devoção:

— «Mãe do Céu, tornai branco o pretinho Tomé».

Continuou a ir todas as tardes. Assistia ao fim do mês de Maria, e, depois de se certificar se o papélinho ainda estava no mesmo sitio, fazia o seu pedido. No nono dia, em frente do espelho, mirou-se e tornou a mirar-se, mas continuava da mesma cor.

Seguiu para a igreja e o coração bateu-lhe apressado, quando viu que o papel tinha desaparecido. No seu lugar estava um de cor azulada. O que lhe diria a Mãe do Céu?! Dirigiu-se à sacristia para pedir a alguém que lho lêsse. Encontrou só uma senhora que estava enfeitando jarras com flores frescas para o altar de Nossa Senhora.

— O que queres tu, pequeno? perguntou ela ao vê-lo. Mas o pretinho, que se intimidara, não respondeu.

— Tens alguém doente, a tua mãe, talvez? Queres alguma coisa para ela? continuou a senhora, julgando que êle tivesse vergonha de pedir.

— Eu já não tenho mãe, ou por outra, sim, tenho, está ali, na igreja, mas ela não gosta de mim, por eu ser preto! (e o pretinho começou a chorar).

— Não gosta de ti? disse ela, admirada. Mas uma mãe gosta sempre do seu filho! Ela ralha-te muito, bate-te?

— Não, porque não fala, nem anda, mas eu sei que ela não gosta de mim! — (e o pequeno redobrou o choro). A senhora, cada vez mais admirada, pegou na mão do pretinho e ordenou:

— Leva-me onde está tua mãe.

Chegados à igreja, Tomé apontou a imagem de Nossa Senhora e exclamou:

— É aquela!...

Estava, emfim, explicado porque ela não andava nem falava. Voltaram para a sacristia. O pretinho contou, então, o seu desgosto e a novena que tinha feito para se tornar branco. Mas a Mãe do Céu não lhe fazia a vontade. Entregou-lhe o papel e disse:

— Se vocemecê me lêsse o que está aí escrito?

Ela leu alto o seguinte:

— «Antes ser negrinho de corpo e branquinho de alma»

— Sabes o que isto quere dizer? — (perguntou a senhora.) Tomé respondeu negativamente.

— Então eu explico-te. Ora suponhamos que alguém te dizia: — «Eu faço-te branco mas só com a condição de ires roubar dinheiro...»

— Ah! isso não faria eu nunca! atalhou o pretinho com viveza.

— Acredito, continuou ela. Mas se o fizesses cometias um grande pecado; o teu corpo ficava branco mas a tua alma manchada. Isto é um exemplo, visto que ninguém te podia fazer branco a não ser Deus porque a Êle nada é impossível.

Ora a Mãe do Céu antes querê que tu sejas preto, mas que a tua alma se conserve branca, pura, quere dizer: — que caminhaes sempre pela estrada do bem, que esqueças as injúrias. Quizeram brincar contigo, dizendo-te que Nossa Senhora não gostava dos pretos. Não é verdade.

Ela tanto escuta e atende as súplicas dos brancos como a dos pretos, todos são seus filhos.

— Então, agora, já não me importo de ser preto! (disse Tomé radiante.)

— Olha se quizeres conhecer melhor a Mãe do Céu vem aqui todas as quintas feiras à doutrina e podes trazer também o teu amigo Raul. Agora vai para casa antes que seja noite, e, dizendo isto, a senhora deu-lhe um beijo.

Mas Tomé parecia querer ainda qualquer coisa, hesitava em falar; por fim resolveu-se:

— Se vocemecê me dêsse a Mãe do Céu? Não tenho nenhuma...

— Não pode ser, meu filho, Ela pertence à igreja.

— Mas eu trago-lha na quinta feira, disse o pretinho com voz suplicante.

A senhora viu-o tão desolado que teve pena dêle.

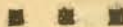
(Continua na página 8)





A avó e as adivinhas

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHO DE EDUARDO MALTA



— «Qual a cousa,
qual é ela,
que assim que poussa
na casa
Se fica logo à janela?...»

— «...? Que assim que poussa
na casa
se fica logo à janela?!...»

Que é? Que é, avózinha?
Acaso será a asa
dalguma rôla
espertinha

ao entrar numa gaiola?

— Não é avózinha? Não?
Avózinha: dize, então...
mata a nossa anciedade...

— «...Tolinhos: é um botão!...»

— Ah! É verdade! É verdade!»



— ? Qual a cousa,
qual é ela,
cai no chão

fica amarela?»
— «...Nat'ralmente a Mimi Sousa,
quando caiu da janela...»

— «Não, senhor, que idéa essa!
Tal idéa não lhes louvo!»

— «Então, não sei! Diz' depressa!
Anda, avózinha
lindinha...»

Mata a nossa anciedade!...»

— «Meus tolinhos: é um ovo...»

— «Ah! É verdade! É verdade!»



— «Bom. Agora,
qual de vós
me diz uma muito linda?»

— «Eu não sei...»

«Eu também não...»

«Eu também não sei nenhuma...»

— Nós
não sabemos, Avó!

Vê tu se sabes, João?...»
E tu, e tu, ó Lólo?...»

— «Sei eu uma! Sei eu uma!
Inda
Há talvez uma hora,
me fez a grande mercê
de ma dizer a Tátá»

— «Schiu! Silêncio. Vamos lá...»

— «Alto está,
Alto mora.
Ninguém o vê!
Tudo o adora! —»

— «...Mas que será? Que será?...»

— «Avòzinha; tu não sabes?»

Olha: é...» «Cala-te. Espera.
Será... será... — ;quem me dera,
adivinhar, filhos meus!

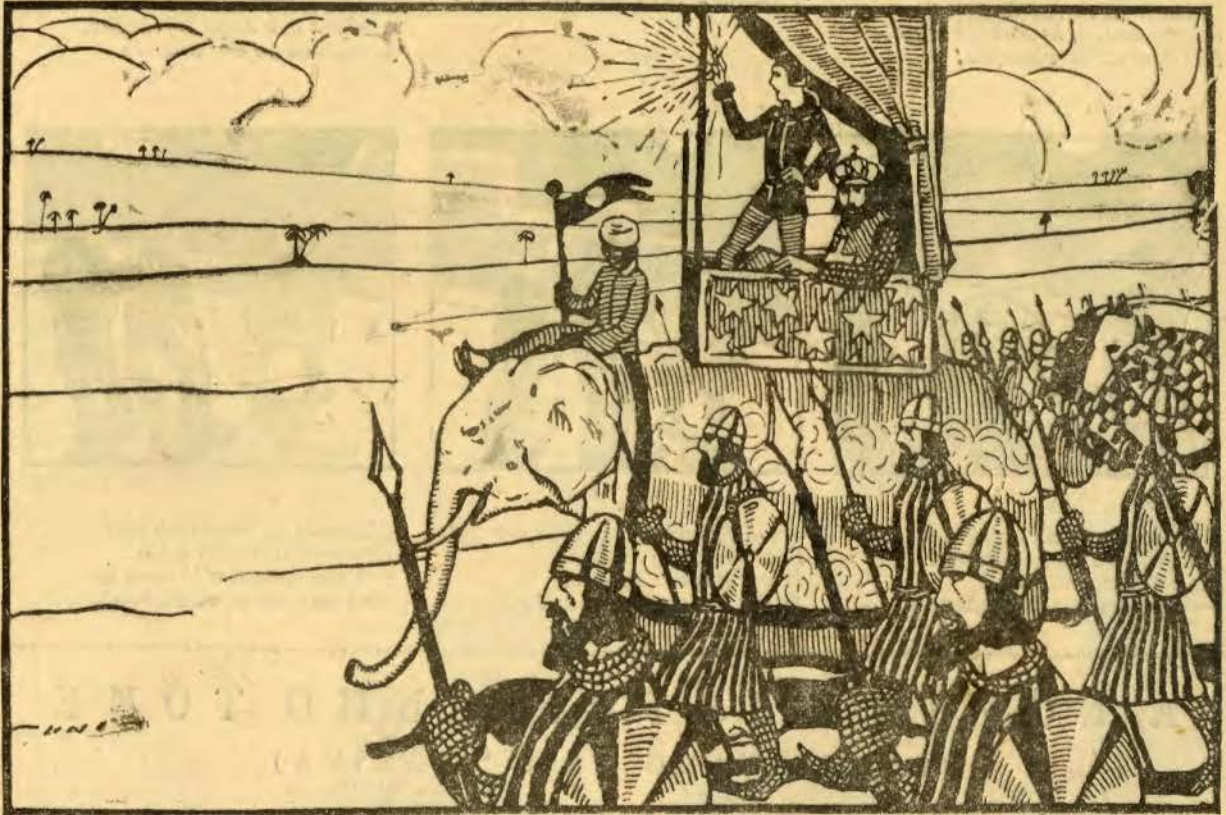
... Ora... — Alto está... Alto está...
— Não sei. Não sei. Dize lá.»

— «Mas, minha Avòzinha... é Deus!»

F I M

BIBLIOTECA
PIM-PAM-PUM!

V
VOLUME



Uma das 40 gravuras do livro à venda

O P A P A G A I O
A Z U L

CAMOECA E «ZÉ» ARDINA

(DUMA ANEDOTA)



Certa noite de luar,
Camoeca e Zé Ardina
Puzeram-se a conversar
Num largo ao pé duma esquina.

Após beberem imenso
Vinho tinto carrascão,
Contra as regras do bom senso,
Rompem numa discussão!



Zé Ardina, embriagado,
As coisas já confundindo,
Mira a lua e diz pasmado:
— «Olha o Sol como está lindo!»



Camoeca como um cacho,
Com uma enorme perua,
Brada logo: — «estás borracho!
Não é o sol é a lua!!»

Mas sempre em contradição,
Ardina teima na sua:
— «Tu é que estás borrachão,
Já chamas ao Sol a lua!»



Nisto aparece um sujeito...
E logo, sem mais toleimas,
Ardina diz, satisfeito:
— «Ali vem um tira teimas!»



— «Este senhor, que a fumar
Faz lembrar o Ravachol,
E' que nos vai informar
Se é a lua ou se é o Sol!»



Mas ante as impertinências,
Responde o sujeito à toa:
— Peço perdão a Vossências
Mas não sou cá de Lisboa!

A NOVENA do PRETINHO TOMÉ

(CONTINUADO DA 8.ª PÁGINA)

Foi buscar uma Nossa Senhora pequenina e deu-lha, dizendo:

Esta é igual à outra; a única diferença é ser mais pequena. Podes levá-la para casa.

Os olhos de Tomé brilharam de alegria. Pegou-lhe com com todo o geito e safu da igreja, radiante. Não tinha andado vinte passos, quando foi cercado por um grupo de garotos.

— «Olá, escarumba! Deixa ver o que levas aí!...»

Tomé quiz fugir; mas eles agarraram-no e tiraram-lhe a Nossa Senhora, fugindo em seguida. O pretinho correu atrás deles. Mas, como era mais pequeno, em breve os perdeu de vista. Então, a todos que passavam, perguntava, chorando:

— Viram a Mãe do Céu?

Os transeúntes olhavam-no suprezos e continuavam o seu caminho, sem lhe dar resposta. Tomé depois de muito an-

dar voltava desanimado, quando, de repente, a viu caída no passeio. Soltando um grito de alegria, ergueu-a do chão e, sem mais incidentes, chegou ao seu destino. Escurecera por completo; e em casa já todos dormiam. Tomé dirigiu-se para o quarto que compartilhava com o pequeno vendedor de jornais. Chamou por êle:

— Raul, ó Raul!...

Mas Raul, resmungando, voltou-se para o outro lado e contipou a dormir. O pretinho, desistindo, colocou a Nossa Senhora sobre uma meza, ao pé da cama, e depois deitou-se. Largo tempo esteve acordado a contemplar a Mãe do Céu. Por fim, o João Pestana fez-lhe a sua visita, E o pretinho adormeceu contente e feliz porque... já tinha Mãe!

F I M